

# A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA QUALIDADE DA RELAÇÃO CONJUGAL

Religion and quality in the marital relationship

Religión y calidad en la relación de pareja.

WLADIMIR PORRECA

---

**Resumo:** A religião orienta e influencia, de diversas formas, a subjetividade humana, a cultura e a sociedade, inclusive a relação conjugal. As reflexões desse texto pretendem contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos e pesquisas sobre religião e relação conjugal, procurando evidenciar alguns pontos da influência da religião que podem se traduzir em transformações comportamentais e conceituais na qualidade relacional dos cônjuges. Foram realizadas entrevistas com 10 casais cristãos que, de acordo com os estudos analisados, demonstraram que quando a religião não é reduzida a uma esfera privativa, ela é importante e significativa para a relação conjugal. Dependendo de vários fatores, a religião, associada a múltiplos elementos, está entrelaçada com a vida do casal e interfere nela. Além disso, mostra-se um recurso significativo não somente capaz de nutrir a qualidade das relações conjugais como de influenciar negativamente na vida conjugal.

**Palavras-chave:** Religião; Relação conjugal; Qualidade conjugal

**Abstract:** Religion guides and influences, in various ways, human subjectivity, culture and society, including the marital relationship. The reflections in this text intend to contribute to the development of knowledge and research about religion and marital relationship, seeking to highlight some points of the influence of religion that can translate into behavioural and conceptual changes in the relational quality of the spouses. Interviews were conducted with 10 christian couples who, according to the studies analysed, demonstrated that when religion is not reduced to the private sphere, it is important and significant for the marital relationship. Depending on several factors, religion, associated with multiple elements, is intertwined with the couple's life and interferes with it. In addition, it proves to be a significant resource not only capable of nourishing the quality of marital relationships but also of influencing negatively and perversely in married life.

**Keywords:** Religion; Marital relationship; Marital quality

**Resumen:** La religión guía e influye, de diferentes formas, en la subjetividad humana, la cultura y la sociedad, incluida la relación conyugal. Las reflexiones en este texto pretenden contribuir al desarrollo del conocimiento y la investigación sobre religión y relación conyugal, buscando resaltar algunos puntos de la influencia de la religión que pueden traducirse en cambios conductuales y conceptuales en la calidad relacional de los cónyuges. Se realizaron entrevistas a 10 parejas cristianas que, según los estudios analizados, demostraron que cuando la religión no se reduce a un ámbito privado, es importante y significativa para la relación conyugal. Dependiendo de varios factores, la religión, asociada a múltiples elementos, se entrelaza con la vida de la pareja e interfiere con ella. Además, demuestra ser un recurso importante no solo capaz de nutrir la calidad de las relaciones maritales sino también de influir de forma negativa y perversa en la vida conyugal.

**Palabras llave:** Religión; Relación matrimonial; Calidad marital

---

## Iniciar uma conversa

A religião é um dos elementos mais complexos presentes na tessitura de diversas culturas e sociedades, comumente associada aos relacionamentos interpessoais, entre eles os conjugais. Os elementos religiosos, de forma significativa, têm capacidade de interferir, integrar e influenciar a dinâmica do casal, por meio de normas/preceitos e crenças, portanto, contribui para a organização conjugal (Schulz & Colossi, 2020).

Na sociedade e na cultura contemporâneas, a religião exerce importante e favorável influência na relação conjugal. Ainda que os casais obedeçam cada vez menos às normas e regras institucionais, entre elas as religiosas, não faz sentido simplesmente divorciar religião e vida conjugal, mas superar o populismo e dualismo inócuos e arcaicos entre espaço público e vida privada, sagrado e profano, religião e vida conjugal (Silva, & Scorsolini-Comin, 2019).

Daí a importância em se considerar que a religião não se reduz a uma experiência privada, em que simplesmente um ser humano esteja “ligado ou religado” com o divino, e se perder a noção da subjetividade humana integrada e formada também pela influência religiosa. Em outras palavras, é necessário compreender que a religião é uma questão de identidade, muito mais do que doutrina ou prática religiosa, e está profundamente entrelaçada com todos os outros aspectos da identidade de uma pessoa: cultura, etnia, raça, gênero, orientação sexual, e, claro, orientação política (Paiva, 2018).

No processo contemporâneo da vida conjugal, caracterizada por configurações diversificadas e permeabilidade de novos valores, novos padrões de relacionamento conjugal que não se instalaram por completo, e de antigos que não deixaram de existir, a religião mantém a sua influência, com diversas expressões religiosas e nos diferentes momentos históricos (Porreca, 2020). Trata-se de uma influência que nunca se rompeu, mas que foi ressignificada, deslocada, flexibilizada, remodelada, reconstruída de forma não linear e sequencial.

Em decorrência dos fatores religiosos do casal, isto é, da religião, do seguimento religioso do casal e das opções religiosas feitas pelos cônjuges, podem ocorrer mudanças expressivas que resultariam na redefinição da identidade conjugal. Os elementos religiosos provocam transformações comportamentais e conceituais nas esferas da vida conjugal (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2017).

Ainda que os casais obedeçam cada vez menos às normas e regras institucionais, entre elas as religiosas, é inegável a influência que elas exercem na relação conjugal, na construção de capital humano, no repertório de significados, perspectivas, identidades e crenças internas, muitas delas de origem religiosa. Essas normas institucionais e religiosas também exercem forte influência quando

as práticas conjugais abrangem rituais, tradições, escolhas e ações do casal na presença religiosa e na bênção dessa organização, e, ainda, nas interações sociais dos cônjuges quando as baseiam no apoio, envolvimento, obrigações e relacionamentos religiosos (Kelley, Marks & Dollahite, 2020).

A religião é um recurso multidimensional e complexo que influencia nos enfrentamentos cotidianos dos cônjuges, com capacidade de produzir e nutrir qualidades na satisfação e estabilidade dos relacionamentos conjugais. Entretanto, pode influenciar de forma negativa e pouco saudável na qualidade da vida conjugal (Killian, Peters, & Brottem, 2019; Porreca, 2019).

As reflexões nesse texto se iniciam por conceituar religião e relação conjugal, levantando-se em conta a complexidade e variedade de entendimentos, para, posteriormente, apontar possíveis elementos de discussão no entrelaçamento entre religião e vida conjugal percebidos sob o olhar da qualidade do relacionamento conjugal. A partir do embasamento teórico reflexivo, seguem alguns dados de uma investigação realizada com casais para visualizar a influência da religião no relacionamento conjugal.

## Relação Conjugal: Alguns Significados

A relação conjugal refere-se à díade conjugal, uma realidade multifacetária composta com diversos elementos que se interseccionam e reverberam no crescimento, desenvolvimento e manutenção da relação a dois. Ela é constituída por três realidades distintas (os dois cônjuges individualmente e a própria relação conjugal) que interagem e se mantêm, um processo organizacional complexo, contínuo e dinâmico entre dois sistemas individuais que constroem referências comuns e uma identidade conjugal (Porreca, 2019; Rosato, Barbosa & Wagner, 2016).

A constituição da relação conjugal caracteriza-se pela união de duas subjetividades que resultam em um terceiro “nós”, ou seja, uma identidade compartilhada pelos cônjuges. Não existe a fusão de individualidades, mas o entrelaçamento da individualidade de cada cônjuge, que se reconstrói por meio de negociações, ressignificação e conciliação de desejos e expectativas individuais, ou seja, uma contínua construção da relação a dois com intenção, desejo e empenho para constituírem, de comum acordo, um compromisso de conviver e construir uma realidade em comum (Porreca, 2019; Scorsolini-Comin & Santos, 2017; Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2010).

O processo de entrelaçamento dos “eus”, que influencia e modifica a vida do casal, é um processo de intersubjetividade. Dependendo do grau de envolvimento das pessoas, dos esquemas mais primitivos, da capacidade de adaptação, o

relacionamento conjugal se construirá da soma das habilidades individuais, e estabelecerá um clima de cooperação e cumplicidade que fortalecerá a permanência, ou não, da dupla conjugal e também de cada pessoa na relação (Pignataro, Féres-Carneiro, & Mello, 2019; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Daí a importância de que cada cônjuge, quando opta pelo relacionamento conjugal, assuma-o sem ter a sensação de renúncia à sua individualidade ou suas questões familiares, e nem descarte as influências do cônjuge e da própria relação (Minuchin, 1982).

Ao longo da vida dos cônjuges, a relação conjugal envolve várias etapas do relacionamento que têm um impacto significativo e resultam na definição psicossocial de uma relação afetiva estável e, possivelmente, duradoura (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Relvas, 2006). Essas etapas ocorrem no contexto social, histórico e familiar no qual o cônjuge se insere e se inscreve em meio às relações psicossociais complexas que ele internaliza ao longo do processo de socialização. Um contexto caracterizado pela constituição de um espaço simbólico e, ao mesmo tempo, singular, em que as experiências sedimentam modelos de interação social que são significativos para o casal constitui uma terceira realidade que é a relação conjugal. (Porreca, 2019; Campos, Scorsolini-Comin & Santos, 2017).

Normalmente, os cônjuges, numa visão familiar, passam algumas etapas de ciclo de vida do casal com ajustes e adaptações. Hoje com menos intensidade, principalmente pela opção de muitos casais não desejarem filhos para a relação. Inicialmente, quando o casal constrói sua identidade conjugal e, posteriormente, com o nascimento de filhos, a relação se modifica e, quando estes se tornam adolescentes, mais ainda. Com o crescimento e independência da prole, os cônjuges retornam para um relacionamento e investimento mais intenso na relação a dois, podendo ter que assumir a criação de netos, conviver com as marcas da idade e com o receio da própria morte e/ou da morte do cônjuge (Carter & McGoldrick, 1995).

A relação conjugal pode ser fonte de satisfação e felicidade para os cônjuges, mas por inúmeros e variados fatores, podem também interferir e influenciar na estabilidade da vida a dois, podendo gerar e/ou potencializar frustração e tensões na vida deles, e até mesmo provocar discórdias e conflitos, que culminam na separação ou divórcio conjugal (Karney, & Bradbury, 1995; Moreira, Martins, Gouveia, & Canavarro, 2015).

Assim, nota-se que vida do casal é um espaço comum de negociação da vivência cotidiana a dois, a partir de referências comuns e de uma identidade conjugal. Isso implica uma série de decisões para além das individualidades, e requer uma renúncia ou a integração do cônjuge aos antigos hábitos, planos

e ideais. Requer tempo para a relação conjugal ter o seu modelo próprio; normalmente o casal se inspira em modelos conhecidos, em especial na família de origem, ou, no caso de recasamento, no modelo anterior, tanto para réplica como para não repetir o erro.

Os casais, comumente, organizam suas vidas em uma diferente e autêntica, e cada vez mais aceita, perspectiva de união e convivência de esforço compartilhado que possibilita, ou não, manter os laços conjugais. Nota-se que o compromisso emblemático “até que a morte os separe” deu, cada vez mais, lugar ao contrato de “que seja eterno enquanto dure” (Silva, Scorsolini-Comin & Santos, 2017).

O ideal de relação conjugal, associado à visão romantizada comumente de permanecer casados e felizes para sempre, somado a uma realidade capaz de acabar com a solidão e garantir uma vida sem conflitos e tensões, uma relação estável e duradoura, não é mais o modelo hegemônico no mundo contemporâneo, nem mesmo a representação de felicidade é a mesma dos “felizes para sempre”, como também o casamento não é o espaço único para os afetos, sexualidade e a geração de filhos (Tissot & Falcke, 2017).

Como uma realidade que enfrenta crises e conflitos, a relação conjugal é dinâmica em se adaptar ao contexto sociocultural em que está inserida, por vezes uma realidade mutável em suas formas e modelos. Os cônjuges, por meio de acordos conjugais, estabelecem um movimento circular que os definem, e isso possibilita a formação de um modo ímpar de relação, com conteúdo e identidade próprias. O casal tem uma competência própria e autêntica de se relacionar, existir, entender, definir e atuar como casal (Porreca, 2019; Caillé, 1994).

A competência do casal revela que a relação entre os cônjuges é um sistema não linear e imprevisível, no qual os membros que o compõem são sujeitos, protagonistas de sua relação dual. O próprio casal constrói seu modo específico de ser e atuar como casal, situado e influenciado pelo tempo e contexto onde está inserido e pela religião. Daí a necessidade de se entender o casal como um processo dual, dinâmico e imprevisível, um “mistério”, de ser, sendo, que o qualifica como competente por redefinir dinamicamente sua própria relação conjugal (Porreca, 2019; Ausloos, 2011).

De fato, a relação conjugal não se limita à relação em si, mas se constrói e se mantém de acordo com a história da sociedade e vice-versa; um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas, ligadas diretamente às transformações da sociedade e influenciado pela religião dos cônjuges, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da relação como um todo. O sistema conjugal muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus

membros podem ser afetados por pressões interna e externa, entre elas a dos elementos religiosos, fazendo com que ele se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros (Minuchin, Nichols, & Lee, 2009; Minuchin & Fishman, 1990).

O casal inserido no contexto próprio está em constante convivência com realidades externas como as ideologias, as religiões, as políticas, o ciclo de vida familiar, bem como com outras formas de relações, de trabalho, convivência social, família de origem, religiosas, redes midiáticas e outras formas de ser casal (Carter & McGoldrick, 1995; Caillé, 1994).

## A Influência da Religião na Relação Conjugal

Nas religiões de crenças abraâmicas (cristianismo, judaísmo e islamismo), as relações conjugais são consideradas sagradas entre suas doutrinas fundamentais e têm a prática de influenciar, dependendo do nível de inserção dos cônjuges e de outros fatores associados, os aspectos subjetivos do casal como: as crenças, o imaginário, decisões e manutenções conjugais e familiares.

Embora a relação conjugal seja importante em todas as religiões, e essas promovam um elo próximo com os casais e, por extensão, com a família, pode haver diferenças na maneira como as religiões enfatizam e compartilham as doutrinas e práticas religiosas (Villa, Del Prette, & Del Prette, 2007).

A religião tem a capacidade em afetar a forma como cada um dos cônjuges lida com as demandas interpessoais do relacionamento conjugal, e tende a ser aplicada pelos seus seguidores juntamente com o repertório de habilidades sociais e fatores culturais da díade, que geralmente são transmitidos à prole (Villa & Del Prette, 2013).

As diretrizes e conteúdos transmitidos pelas religiões, dependendo das camadas sociais, etapas de vida conjugal, realidade geográfica, características de cada cônjuge, família de origem e do contexto sociocultural, ordenam, condicionam e direcionam a configuração e dinâmica da relação conjugal (Porreca, 2019).

Entre as várias instâncias sociais, psicológicas e culturais que influenciam a relação conjugal, a religião age não somente como fator influenciador, mas como gerador, de maneira direta ou não, implícita ou explícita, de regras, normas de conduta, valores, crenças e modelos de vida conjugal, bem como define a maneira como os casais atribuem significados à sua relação e conseguem prever e resolver os seus conflitos e tensões. A religião herdada, mantida e propagada pode ser um aporte de Capital Humano, isto é, uma geradora e transmissora de conhecimentos e competências relacionais adquiridos ao longo da vida dos cônjuges, que permite superar adversidades.

A religião pode exercer uma influência

unificadora e proporcionar uma interatividade e papel compensatório nas relações conjugais. Pelas normas e valores comuns, ajusta comportamentos e cria coesão na prática de crenças e sentimentos de compaixão, bom humor, esperança, fortalecendo a confiança e respeito mútuos (Tavakol, Nasrabadi, Moghadam, Salehiniya e Rezaei, 2017).

A prática de atividades religiosas (a religiosidade), é uma importante estratégia utilizada pelos cônjuges na resolução de conflitos. O gerenciamento dos desacordos conjugais por cônjuges que praticam regularmente alguma religião pode estar relacionado a vários elementos religiosos, ao ritual realizado na maioria das religiões ou na conotação religiosa de um vínculo sagrado importante, mantido e valorizado pela sociedade. Essa perspectiva pode contribuir para o maior investimento dos cônjuges no relacionamento, adotando comportamentos relacionados à empatia, renúncia, paciência, aceitação e negociação. Além disso, a rede de apoio formada pela comunidade religiosa oferece aos seus membros formas alternativas de solucionar conflitos.

O casal pode também encontrar na religião apoio informal, desde ajuda financeira até os recursos de modelos de relacionamentos saudáveis, o que pode ajudar os casais diante dos desafios da vida conjugal. Esse apoio implícito e explícito às práticas convencionais é sustentado sobre o ideal de relacionamentos e comportamentos conjugais adequados, como comprometimento responsável, perdão e fidelidade (Edgell & Docka, 2007).

Além de aporte para gerar Capital Humano e recursos para o bem estar no relacionamento, bem como para a resolução dos problemas conjugais e familiares, outro aspecto em que a religião atualmente influencia os casais, com menor intensidade, é nas decisões referentes a ter ou não filhos, com relação ao número de crianças e ao tempo ideal de espera para que isso aconteça (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2017).

Embora a religião possa ajudar a fortalecer as famílias e reduzir certas questões problemáticas nos relacionamentos, também pode ser uma fonte de conflitos e contribuir para aumentar embates e potencializar tensões tanto nas relacionais conjugais como fora destes, pode ser tanto um relacionamento benéfico quanto prejudicial (Dollahite, Marks & Dalton, 2018; Marks & Dollahite, 2017). A religião torna-se um elemento poderoso que pode servir para justificar atitudes conjugais pouco saudáveis para a vida a dois. Comumente, os conflitos religiosos conjugais são mais intensos quando religião e prática religiosa entre os cônjuges são diferentes, especificamente quando os níveis de observância e envolvimento religioso são discrepantes (Ellison, Burdette & Bradford Wilcox, 2010).

A religião veiculada na vida conjugal não é determinante na vida do casal, ela pode estar

associada às regras e condutas presentes na própria cultura do casal (constituída também pelo religioso), porém os ensinamentos, normas e modelos religiosos aplicados à vida conjugal podem ser um fator que favoreça comportamentos conjugais socialmente habilidosos, auxilie os cônjuges nas respostas de forma adequada às demandas interpessoais no contexto conjugal e seja um recurso às reformulações e superações de dificuldades e tensões relacionais entre os cônjuges (Cardoso & Del Prette, 2017; Villa & Del Prette, 2013).

## Qualidade Relacional e a Satisfação Conjugal

A qualidade do relacionamento conjugal heterossexual em camadas médias é multidimensional. Inclui diversos elementos que podem contribuir para um relacionamento estável e satisfatório, comumente ligados às crenças, princípios, valores promovidos pela religião, além dos elementos idiossincráticos, hereditários e dos contextuais próprios do casal.

A capacidade do casal de se adaptar e se (re)construir diante dos acontecimentos da vida conjugal vai depender do nível de estresse que eles experimentam e das características prévias que cada um traz ao casamento. O contexto em que estão inseridos, a acumulação de Capital Humano e de Capital Social Conjugal (um modo de viver dos casais que produza bens relacionais como: confiança, afabilidade e reciprocidade) agirão nos processos adaptativos que influenciam a percepção da qualidade conjugal, o que, por sua vez, atua na satisfação, confiança mútua e estabilidade do casamento (Porreca, 2015; Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006).

Diante de situações de mudanças “modernas” na relação conjugal orientadas pela possibilidade de não-durabilidade de uma relação afetivo-sexual, os casais buscariam estabelecer como meta para seus projetos de conjugalidade a estabilidade e a satisfação conjugal sustentadas pela confiança no parceiro(a), e construir estratégias que auxiliem na vivência da díade. Tal condição não preexistiria à relação, mas seria trabalhada com o outro, em um movimento constante de autorrevelação pessoal e relacional (Giddens, 2011).

Por ser multidimensional, a qualidade conjugal pode estar relacionada a um processo de ajustamento ou superação, a uma grande variedade de eventos estressantes e circunstâncias que surgem no curso a dois, o que favorece os indicadores de estabilidade e duração da relação conjugal e, ainda, a satisfação do casal.

A qualidade da relação conjugal que gera satisfação, estabilidade e durabilidade conjugais pode ser baseada em uma confiança dinâmica, em que as regras são revistas e renovadas a cada realidade e situação do casal. Nesse caso, a relação

conjugal tende a adquirir uma boa qualidade relacional, proporcionar segurança relacional, no meio das instabilidades, bem como prever atitudes de cumplicidade, reciprocidade, zelo, afeto mútuos, e, ainda, proporcionar proteção e segurança conjugais que favoreçam um vínculo relacional mais forte e coeso entre os cônjuges (Ziviani, Féres-Carneiro, Scorsolini-Comin & dos Santos, 2015).

Há uma distinção entre qualidade no relacionamento e satisfação conjugal. Por satisfação conjugal entende-se “satisfeito ou insatisfeito na e com a relação”. Por qualidade relacional é possível mensurar se uma relação “é ou não boa”. Exemplificando-se a distinção: o cônjuge pode sentir-se satisfeito com a sua relação conjugal, ainda que a sua relação seja disfuncional; do mesmo modo, um cônjuge pode ter aparentemente uma boa relação, onde tudo parece existir para funcionar bem, mas não se sentir satisfeito (Pires et al. 2008).

O indicador de satisfação conjugal refere-se à avaliação pessoal e subjetiva que o casal faz da sua relação. Cada indivíduo expressa, percebe e experimenta o desempenho do outro de uma maneira diferente, e mensura o quão satisfeito está cada um. Considera-se a satisfação como um processo que se modifica ao longo do ciclo de vida.

A satisfação conjugal está diretamente vinculada à subjetividade dos cônjuges em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponde, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm, a realidade vivenciada no casamento e as crenças e valores religiosos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004).

O contexto social no qual o relacionamento afetivo está inserido influencia a avaliação subjetiva do casamento e é obtida após comparação do que é percebido na relação conjugal com os modelos, aspirações e expectativas construídos pelos cônjuges sobre o casamento, a partir da sociedade e da cultura (Scorsolini-Comin & dos Santos, 2010). Essa avaliação é afetada por fatores como o sexo, o grau de escolaridade, o número de filhos e a presença, ou não, deles dentro de casa, o nível socioeconômico, o tempo de casamento e pela religião.

## A Religião e a Qualidade Conjugal

A religião pode fornecer um senso de propósito e significado sobre a vida e os relacionamentos, isso torna-se valiosa reserva de recursos no enfrentamento de estresses conjugal, que prejudica a qualidade relacional da díade, com tendências para o (re)estabelecimento de vínculos entre os cônjuges.

Crenças, princípios e valores religiosos

específicos de relacionamentos ajudam a (re) configurar a conduta conjugal, incentivando os parceiros a cumprirem seus papéis e responsabilidades familiares, como forma construtiva de lidar com os conflitos e tensões (Mahoney e Cano 2014).

As práticas religiosas, de acordo com a subjetividade e contexto social dos cônjuges, com menos intensidade atualmente, influenciam positivamente, ou não, na qualidade conjugal (Mahoney e Cano 2014; Mahoney 2010) e tendem a desempenhar um papel significativo no funcionamento do casal (Beach et al. 2011; Fincham, Lambert, & Beach, 2010; Mahoney 2010).

Quando os cônjuges têm uma homogamia religiosa, isto é, quando a afiliação religiosa deles é a mesma, a influência religiosa é particularmente mais aceitável e contribui na qualidade nos relacionamentos conjugais. A homogamia religiosa conjugal facilita a validação dos relacionamentos conjugais; o casal permanece vinculado na concordância da convivência de estarem juntos e compartilham das mesmas crenças, princípios e valores comuns sobre o casamento, sexualidade, gênero, papéis domésticos, educação de filhos, estilo de vida e concessões e uma série de elementos e realidades (Wilcox & Wolfinger, 2008; Regnerus & Burdette, 2006).

Os cônjuges afiliados a uma mesma religião são também mais propensos a estruturarem e estabelecerem a dinâmica conjugal/familiar de forma mais semelhante. Nesse casal, podem ser encontrados aspectos decorrentes dos ensinamentos religiosos, direcionando e/ou legitimando práticas dos cônjuges, desde as concepções sobre como seria um casamento ideal até o relato sobre o cotidiano familiar (Dollahite, Marks & Dalton, 2018).

Importante destacar que a homogamia religiosa conjugal pode ter desacordos e discordâncias. Certos tipos de demandas religiosas, como demandas por tempo e doações financeiras realizadas pelos cônjuges para com a religião, podem ser prejudiciais e divisórias para os casais e família. Além disso, quando ocorrem estressores conjugais e familiares que não estão de acordo com as expectativas da comunidade religiosa, essa pode recusar ou tirar o seu apoio, contudo, observa-se que a religião contribui para fortalecer laços mais estáveis por meio de sistemas de significados compartilhados e atividades em comum (Dollahite, Marks & Dalton, 2018; Marks, Dollahite, & Dew, 2009).

O incentivo à comunicação pelo diálogo conjugal é um elemento religioso que merece destaque e, costumeiramente é benéfico à relação conjugal. Normalmente, quando o casal está em meio aos conflitos e tensões, em que a comunicação é diminuída ou cessada, a religião inclinada ao perdão, à paciência, à resignação, ao diálogo pode colaborar para melhor relacionamento entre eles.

A religião motiva os casais, pelas crenças e

valores religiosos, a pensarem nas necessidades dos outros, e contribui para serem mais amorosos e reconciliadores, tratarem-se com respeito e serem mais flexíveis ao resolverem conflitos conjugais e familiares. Para os casais que são homogamicamente religiosos, as atividades religiosas favorecem os cônjuges a passarem maior tempo juntos, falarem entre si e conviverem (Stokes & Regnerus, 2009).

Os casais com religiões similares comumente encontram alguns pontos de desacordo, e isso requererá maior negociação. Já os com diferença religiosa podem abrigar consideráveis discordâncias fundantes no estilo de vida e de conduta contribuindo para as tomadas de decisões e escolhas domésticas (Stokes & Regnerus, 2009; Mahoney, 2005).

Os casais de religiões diferentes tendem a apresentar menos propensão a enfatizar a religião na educação dos filhos e os inicia na prática em uma das religiões dos cônjuges. De início, podem fazer uma tentativa em iniciar nas duas religiões diferentes, aguardando que, com o tempo, os filhos escolham “por si” a religião a ser seguida (Williams e Lawler 2001).

Mesmo que atualmente os marcadores religiosos nos relacionamentos conjugais estejam em declínio, observa que os casais com homogamia, com similaridade ou com diferença religiosa, as crenças e práticas religiosas desses casais podem ser benignas ou prejudiciais ao relacionamento a dois, dependendo de vários fatores, entre eles, da religião em si, da importância da crença na vida dos cônjuges, sua atuação religiosa e do contexto onde estão inseridos.

A influência da religião na qualidade da vida conjugal pode variar acentuadamente em diferentes populações, culturas e camadas sociais. Para os casais de camadas populares, a participação religiosa conjunta pode ser particularmente significativa, talvez porque essas atividades representem um custo baixo e por serem meios de se compartilhar interesses e passar tempo juntos. A religião pode oferecer também um lugar que favoreça a dignidade humana com a possibilidade de serem acolhidos além da sua condição econômica/social. E, ainda, promover recursos de proteção e apoio sociais diante de barreiras estruturais e obstáculos à qualidade do relacionamento conjugal, como a pobreza e a violência, o desemprego e as ocupações informais, a discriminação, a exclusão e outros.

A religião não beneficia o relacionamento conjugal em meio aos conflitos e tensões quando desempenha um papel de minimizar conflitos, alterando as percepções dos casais sobre os seus problemas, percebidos como menos essencial e mais trivial (Hoffmann & Costa, 2019). A atribuição de qualidades sagradas aos problemas do relacionamento conjugal também pode não ser benéfica ao ampliar disposições passivas e resignadas para a superação das confrontações

conjugais, sustentadas por sentimentos de pseudoresponsabilidade e dedicação mútua a todo custo (Rauer & Volling, 2015). Ou até mesmo quando legítima o machismo, a violência, a submissão pela prática e valores apregoados de misericórdia, abnegação, culpa e renúncia ao outro, alienados da vivência e do contexto conjugal.

No que se refere ao divórcio (uma medida extrema na resolução para os conflitos conjugais) as religiões – mesmo aquelas que consideram a possibilidade do divórcio – que ajudam os casais a lidarem com os conflitos conjugais e intervêm para evitar que o casal se divorcie, se deparam com um modelo conjugal não hegemônico no mundo contemporâneo, no qual o casamento deixa de ser o espaço único para os afetos, sexualidade e a geração de filhos. Talvez por isso a religião não se associe à diminuição da probabilidade de o casal considerar o divórcio uma opção e nem na preservação do “felizes pra sempre” (Felício, & Roldão, 2017).

A religião, dependendo do contexto religioso, pessoal, cultural e social, exerce influências significativas e importantes aliadas à superação dos conflitos e tensões, e pode gerar bem-estar conjugal quando traz consigo um conjunto de estratégias utilizadas pelos cônjuges para se adaptarem às circunstâncias adversas ou estressantes da vida a dois e as superarem.

As reflexões dessa investigação têm como intenção contribuir para o desenvolvimento de conhecimento e pesquisas sobre religião e relação conjugal, para ponderar a influência dos elementos religiosos na vida do casal, procurando apontar alguns pontos que favorecem, ou não, a qualidade no relacionamento a dois e possíveis associações com a satisfação conjugal.

## Método

Os dados foram obtidos por um recorte de uma investigação maior sobre a Família como sujeito gerador de Capital Social Família. O estudo seguiu a proposta metodológica amparada na abordagem qualitativa de pesquisa, capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais dos casais. O recorte teve como enfoque visualizar como cada cônjuge interpreta e constrói a significação, ou seja, os significados e sentidos da influência da religião na relação conjugal (Pesce & de Moura Abreu, 2019; Minayo, 2017; Streck, 2016).

Participaram da investigação dez casais brasileiros cristãos, com renda média mensal entre 4 (quatro) a 8 (oito) salários (1 salário - R\$1.045,00), na faixa etária de 34 a 50 anos, com filhos, ensino médio e superior completos, casados no civil e religioso há mais de 10 anos. Os casais são moradores de cidades periféricas do centro do Estado de São Paulo.

Foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada com cada cônjuge separadamente,

para se obter informações identitárias básicas e dados relativos à história conjugal, e foram englobadas questões sobre a religião e a relação a dois, com foco na influência da religião no relacionamento conjugal deles. As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra e literalmente, para a composição do *corpus* deste estudo. Todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O *corpus* de pesquisa foi submetido à análise de conteúdo na modalidade temática, atentando nas expressões e sentidos sobre religião e relação conjugal, considerando-se a proposta de visualizar as concepções e os significados que os casais tinham acerca da influência da religião em suas relações conjugais, que pudessem favorecer, ou não, a qualidade da relação conjugal.

## Resultados e Discussão

A religião é importante para os entrevistados e ocupa um lugar de destaque para a vida a dois. Aprenderam a importância da religião, pelos ensinamentos religiosos que receberam dos seus pais, que eram o modelo de vida a dois e a maneira como interpretaram as questões de relacionamento.

O contato e o vínculo com a família de origem foram preservados após o casamento, com exceção de quatro casais, que sofreram rupturas por relacionamentos conflituosos de seus parceiros com seus pais e/ou irmãos. Percebe-se que os ensinamentos religiosos apontados pelos casais, vindos da família de origem, continuam, não da mesma forma, presentes na vida conjugal.

Os ensinamentos e valores religiosos aprendidos na família de origem permaneceram extensivos, parcialmente ajustados e adaptados e são referências significativas para o relacionamento conjugal. Observa-se que os padrões de relação conjugal da família de origem colaboram para que os casais gerenciem as demandas da vida a dois, e podem ser elementos que auxiliam a qualidade conjugal, quando ajustados, embora alguns entrevistados não mostrassem o desejo de repetir a convivência dos pais, porque sentiram que a forma como os pais viviam foi prejudicial para toda a família. Outros casais relataram que no início da vida conjugal cometeram o “erro” de reproduzir os padrões religiosos dos pais, o que causou decepção, frustração e infelicidade conjugal, principalmente por não respeitarem a experiência religiosa do outro cônjuge.

Meus pais tinham muitos defeitos... sempre que minha vó vinha em casa a coisa ficava pior...mas eles nos ensinaram a termos fé, honestidade e humildade e, sabe era difícil cuidar de todos nós, né. Mas nos ensinava o caminho do bem, até hoje (Antonio)

Os sujeitos da pesquisa, a partir da experiência com a família de origem, demonstram valorizar, não sem conflitos, o companheirismo, a compreensão, o amor, a religião, a Igreja, a segurança, a confiança mútua do casal, com base na intimidade e confiança que deveria existir entre os casais, eles manteriam entre si uma espécie de “comunicação emocional e psíquica”, com forte poder “reparador” de sensação de plenitude como escreveu Giddens (2011).

Os participantes consideram que a família tem origem em Deus, ela é um lugar sagrado e religioso, instituição formada e mantida pela “graça” de Deus, que deve ser respeitada e mantida. O significado religioso para a relação conjugal está associado também aos ensinamentos que receberam e a visão conjugal dos pais, com uma nova e adaptada configuração, comumente apreendida pelo contexto cultural e sociedade em que estão inseridos, com o ideal de união, reciprocidade, companheirismo do casal, e consideram os filhos a realização e o sentido do viver em família.

Sabe, eu quis fazer uma família, porque não queria ficar sozinha e queria também ter filhos, sabe como é. Ficar sozinha não dá...todo mundo precisa de alguém...é sagrada...ai se não fosse Deus para ajudar a nossa família (Sara)

Todos os entrevistados casaram-se no civil, o que, segundo eles, conferiu-lhes a legalização pública da união, maior segurança financeira, obtenção de benefícios (como a pensão), e o reconhecimento pela sociedade da união estabelecida, sobretudo porque é tradição herdada dos pais e avós que isso aconteça. Embora o número de casamentos legais venha diminuindo, as crescentes uniões tendem a reproduzir os aspectos principais do modelo tradicional de conjugalidade, como a fidelidade, o amor, o respeito e a coabitação.

O casamento no religioso estava mais ligado ao imaginário coletivo e às aspirações afetivas dos casais, e muitas vezes relacionado aos contos de telenovelas, aos sonhos de infância, tradição, uma ordem familiar. A maioria dos entrevistados, entretanto, relatou que o ritual e a bênção de Deus no casamento religioso os capacitariam para construir e serem uma família feliz e duradoura, para se amarem, e se respeitarem.

Sempre quis casar na Igreja, de branco, com a marcha nupcial, mas como dizia minha avó, sem a bênção de Deus o diabo não aguenta o rabo. Eu casei e não me arrependo não (Cleusa)

Sobre a identidade de gênero, os casais permaneceram nas características da mulher mais vinculada a cuidar da casa, dos filhos, que deve ser forte, mãe, conselheira, amiga, companheira. O papel do homem é ser o chefe da Família, o trabalhador,

o provedor, aquele que valoriza a mulher, embora os relatos evidenciem que essas características eram mais idealizadas e sustentadas pela herança religiosa, pois no cotidiano não era tão fácil obtê-las. Os casais percebiam que pensar assim estariam de acordo com a Bíblia e com os ensinamentos religiosos que receberam, e com a vontade de Deus.

A mulher compreende mais, é mais calma, faz parte...ela tem que cuidar dos filhos...tem mais paciência com as coisas detalhadas...mas é corajosa e firme (Antonio)

São iguais, mas o homem é 70% a presença forte, decisiva, e a mulher conselheira, mãe, e educa com o marido os filhos (Juliana)

Para os casais entrevistados, os filhos (biológicos ou não) ainda são metas imprescindíveis para a qualidade da relação conjugal, um desígnio de Deus, uma forma de ampliar e renovar a relação a dois e dar continuidade à bênção de Deus para o casal; bem como expressão concreta de obediência aos seus princípios religiosos, que os ajudam a educar a prole que Deus lhes confiou.

Uma festa, a coisa mais bonita que Deus nos deu ...vindo com saúde, pode ser menino ou menina, como pai acho que um menino, mas... Fiquei muito contente, mesmo sendo um pai novo, mas não pode dar muito mole que nem a mãe dele, mas devem seguir o caminho da Igreja (Samuel)

Os casais participantes da pesquisa apontaram situações cruciais de suas vidas e apresentaram a religião e os amigos da Igreja, entre outros, como recursos que consideraram adequados e eficazes para a superação dessas realidades conflituosas e difíceis, demonstrando que receberam ajuda nas necessidades, principalmente quando se colocaram obedientes às orientações recebidas de seus líderes religiosos e de casais mais velhos da Igreja.

Ele me traiu...(choros) foi difícil, mas me apeguei a Deus e aos conselhos de minha mãe e do padre, mas lembro até hoje...mas a gente vai superando, a vida continua, né? (Flávia)

Estava atolado em dívida...e uma obrigação em casa, um não podia vê o outro...até que meu filho mais novo começou ir mal na escola e descobrimos que ele estava cheirando aquelas coisas, foi quando minha mulher e eu, resolvemos melhorar a vida e, agora, graças a Deus e às pessoas da Igreja, estamos bem, mas não foi fácil... precisa ter muita união e amor, e principalmente, Deus no coração (Antonio)

A maioria dos casais associa o aumento das situações estressantes à desobediência à Bíblia e à religião, com exceção do luto. Os fatores estressores (infidelidade, cobranças, brigas e outros) desencadearam o processo da fragmentação na relação conjugal, motivado pelos interesses particulares dos membros e a diminuição da confiança e da reciprocidade. Assim, perceberam, num primeiro momento, que em momentos de crise tendiam a se afastar das práticas religiosas e da Igreja que frequentavam, contribuindo para a diminuição, cada vez mais, da qualidade de cooperação e de segurança na relação conjugal.

Os eventos mais estressores na relação conjugal foram o relacionamento extraconjugal de um dos cônjuges, o alcoolismo e a situação financeira, que desencadearam conflitos e tensões, com quase o término da relação, mesmo com a prática do perdão e reconciliação orientada pela religião. Nesses momentos, tiveram que enfrentar sentimentos de acusação, culpa, responsabilização e discriminação, também por parte dos membros de sua comunidade religiosa.

Assim, nota-se que a religião nem sempre é um recurso determinante a qualidade da relação conjugal, pois todos os membros da relação e o contexto onde ela está inserida são também responsáveis por gerar o bem-estar ou não na relação conjugal. Contudo, os casais relataram que mesmo com os eventos estressores, são potencialmente ativos para enfrentarem condições de necessidades e acionar ou construir recursos disponíveis para a restabelecer a qualidade em sua relação conjugal.

Quando morreu o meu pai, parecia que tinha aberto um buraco no chão e que eu não tinha como escapar... só chorava...minha vida tinha acabado...nem comer eu tinha vontade, meu filho tentava conversar comigo e meu marido queria que eu fosse no padre e no médico...mas parecia que nada ia adiantar...aí fui percebendo neles ( marido e nos filhos) um carinho e preocupação e vi como eu era egoísta e como eu tinha uma família que me amava...e devagar fui melhorando (Clara)

Quando os entrevistados começaram a investir na reconstrução conjugal com o apoio de Deus, dos familiares e dos membros de Igreja, conseguiram reavivar a reciprocidade, a cooperação e a confiança nos cônjuges e a superação de dificuldades financeiras. Assim, os dados podem indicar que o Capital Humano e Religioso nas relações conjugais cotidianas possibilitaria construir e desenvolver o Capital Social Familiar em seus diferentes graus.

As coisas não iam indo bem, aqui em casa... acho que fui ficando desconfiada e chateada, ele começou a beber, e aí você já viu né...só

problemas...mas devagar e com a ajuda de Deus, do povo da Igreja e dos meu filhos estamos bem (Doralice)

A relação conjugal não teve um processo linear de um ponto a outro, mas se modificou, alargando-se e restringindo-se, com maior ou menor função ou/e estabilidade, de acordo com o contexto que a circundava e com os significados que os casais davam à sua relação conjugal. A religião foi um recurso considerável para a qualidade conjugal no processo de bem-estar relacional quando auxiliava os casais a reorganizarem suas prioridades e ressignificarem o contexto que lhes impunha desafios e fronteiras relacionais.

Todo mundo tem suas coisas, até Nossa Senhora teve com São José...mas a gente vai dia após dia tendo sempre esperança de que um dia as coisas melhoram...mas olha...eu não posso reclamar não (Juliana)

Para os casais de camadas médias, a relação conjugal contemporânea vai deixando de significar dependência econômica, e amplia-se a dimensão amorosa e de satisfação relacional que permitem existir maior qualidade e intimidade na vida a dois por meio dos elementos religiosos, como: dialogar sempre, não brigar, considerar com respeito o outro em seus desejos e ideais, desenvolver atitudes e senso de alteridade, criar novas chances e recomeços pela prática do perdão e da superação.

A bebida... ele bebia bem...ele dizia que não, mas gostava do bar... colecionava armas e eu não gostava, ele ficava atirando depois que bebia...a gente vai perdendo o gosto de ficar juntos. Comecei a ir no culto e vi que estava perdendo ele...fui levando ele para a Igreja, e hoje em nome de Jesus, ele me respeita e não bebe mais (Lúcia)

O nosso casamento não era ruim e nem bom... meio assim...fizemos um encontro de casais na Igreja e percebemos que estávamos duas pessoas triste...me apeguei a Deus e melhorou muito as coisas entre eu e ela...a gente conversa mais (Bartolomeu)

Os casais com homogamia religiosa, gerados em uma família com semelhantes princípios religiosos, com diferentes participação e considerável frequência religiosa individual ou a dois, não os preserva de terem divergências nos ensinamentos e doutrinas religiosas, nas favorece a terem reflexões não rígidas à positividade ou negatividade da influência da religião na qualidade da relação conjugal.

A influência da religião não foi autônoma e nem determinante nas relações conjugais relatadas, mas associadas a múltiplos elementos como: a doutrina e prática da religião professada, a particularidade religiosa de cada cônjuge entrevistado, contexto sociocultural histórico e econômico onde os casais estavam inseridos, a família de origem e outros.

Por muitos anos, a religião foi vista como predominantemente negativa ou predominantemente positiva. De fato, ela pode ter uma influência dualística na vida conjugal quando se concentra em uma dimensão positiva ou negativa, unitiva ou divisória. Isso ocorre quando se assume premissas de visão reduzida da religião, restrita ao ambiente privado e pessoal, entendida como pertencente ao campo privado e de âmbito individual, fruto de um reflexo da privatização e subjetivação da religião.

A pesquisa permitiu entrar em contato com situações diversas da influência da religião na vivência conjugal, possibilitando visualizar tensões e alegrias, conflitos e soluções encontradas e sofrimentos e esperanças que permeiam a vida doméstica. Também foi possível refletir sobre o modo como os casais, em espaços diferenciados em seu ambiente familiar, estabelecem relações de convivência, trocam experiências, acumulam saberes, habilidades e costumes, produzindo e reproduzindo relações sustentadas, ou não, pelos princípios e valores religiosos.

## Considerações

Os relacionamentos conjugais, mesmo considerando-se a vertiginosa diminuição da interferência e influência da religião na sociedade contemporânea, ainda são permeados, em diversas expressões, em diferentes momentos históricos e em graus variados de identificação religiosa, pelas doutrinas e práticas religiosas, principalmente daquelas religiões que exercem intensivos trabalhos direcionados à família e ao casamento, atribuindo a eles princípios e valores sagrados.

Os valores e modelos religiosos aprendidos na família de origem tendem a influenciar de maneira considerável a vida do casal, se não adaptados e ajustados à realidade do novo relacionamento conjugal em seu contexto, podem prejudicar significativamente o relacionamento conjugal, principalmente quando o casal não tem homogeneidade religiosa, bem como não estabelece fronteiras conjugais para os seus pais e/ou, ainda, quando há frágil conexão entre os cônjuges.

A interface religião e família por tempos históricos, e ainda, perpassada nos relatos dessa investigação, assumiu linhas normativas de que a religião deveria se restringir à esfera privada, com a ilusória ideia de neutralidade da família frente aos aspectos religiosos, presentes no contexto social e na identidade, contribuindo, assim, com o modelo de que religião e família deveriam ocupar lugares

distintos. Nessa visão divisória, de fato, a religião exerce pouco e, cada vez menos, influência no relacionamento conjugal.

Os relatos dos casais questionam a visão divisória e as expectativas e a eficiência do marco conceitual e institucional liberal de que a religião é de esfera privada, quando sinalizam a influência religiosa em suas subjetividades humanas e culturas pessoal e social, em diferentes momentos, modos, formas e contextos.

Os entrevistados parecem indicar um olhar no cenário contemporâneo, tornando indiscutível que a religião e a família são interligadas, mesmo que a família tenha configurações diversificadas e seja permeabilizada de novos valores divergentes da religião. Por isso, a influência da religião no relacionamento conjugal não pode ser negligenciada, ela representa parte integrante da vida cotidiana de muitos casais, desde o início da união até o papel que ela desempenha na interação dos cônjuges.

Os casais entrevistados atribuíram aspectos positivos e negativos da influência religiosa em seus relacionamentos e os identificam diversamente, entretanto, predominaram alguns elementos comuns de risco no relacionamento conjugal, em especial quando os princípios religiosos foram mal aplicados ou aplicados em excesso; quando ideias sobre crenças religiosas, práticas e comunidade não tiveram espaço para serem compartilhadas em um mesmo casamento, ou mesmo quando as pessoas seguidoras da mesma religião, em especial a família de origem, procuravam invadir o espaço do cônjuge e impor na relação conjugal elementos religiosos sem o consentimento e aceitação dos próprios casais.

Por outro lado, observou-se nos relatos que as práticas e os elementos religiosos pessoais e conjugais foram um recurso potencial positivo para os entrevistados, desde a escolha dos parceiros até a decisão de continuarem juntos apesar dos problemas e conflitos conjugais. A capacidade dos casais de superação e ressignificação das situações tensas e limites estava ancorada também na dimensão divina e religiosa dos casais, o que os motivava e os orientava a não desistirem da relação a dois. Nota-se que quando os casais relataram passar por situações de problemas e conflitos gerais, foram unânimes em afirmar que a oração e a frequência a ritos religiosos foram fatores que contribuíram substancialmente para que se tornassem pessoas melhores, ficassem mais tempo juntos, frequentassem os ritos religiosos com outros casais, ampliassem os seus relacionamentos, fossem gratos, revissem as suas atitudes, voltassem para suas casas mais pacientes e compreensivos e transformaram essa prática em um momento especial para terem contato com Deus.

A religião foi apontada por todos os casais como um recurso provedor da qualidade da relação conjugal, por ajudá-los a configurar a conduta conjugal, incentivar os parceiros a cumprirem seus

papéis e responsabilidades familiares, melhorarem o relacionamento com os filhos, a quererem o bem do outro, gerarem bens relacionais como: confiança, afabilidade e reciprocidade, enfim, não só para resolver problemas e conflitos, mas para manter um relacionamento de qualidade, estável e duradouro, e, ainda, para ser um norte para a educação dos filhos.

Embora algumas crenças e práticas religiosas tendam a ter mais influência unificadora ou dividida que outras, essas reflexões sugerem que o fator mais importante é como as crenças e práticas são aplicadas na vida conjugal e por quem, e não o que são em si mesmas. É importante observar que as influências divisórias nem sempre podem ser inerentemente negativas, e mesmo quando a religião tem uma influência divisiva, que parece negativa para esse relacionamento, isso não significa necessariamente que será negativo em longo prazo no relacionamento a dois.

A religião pode ser um recurso para melhorar a qualidade de vida do casal no enfretamento dos conflitos conjugais, com capacidade de resolução, ressignificação ou adaptação de problemas e desacordos relacionais da díade. Comumente a religião inclinada ao perdão, à paciência, à resignação, ao diálogo, pode colaborar para melhor relacionamento entre os cônjuges, e ainda ser capaz em influenciar investimentos dos membros do casal no relacionamento, como: empatia, renúncia, paciência, aceitação e negociação. Além disso, a rede de apoio formada pela comunidade religiosa oferece aos seus membros formas alternativas de solucionar conflitos.

A religião, quando culturalmente apropriada, é capaz de nutrir a qualidade das relações conjugais e ser elemento saudável para as pessoas. Cabe aos profissionais da saúde, mesmo àqueles que tiveram uma formação reducionista da religião, considerarem como as práticas religiosas podem ser incorporadas aos seus tratamentos para auxiliarem os casais a utilizá-la como recurso na qualidade da vida a dois. Bem como buscarem com os casais, “como garimpeiros”, entre as influências religiosas de “riscos”, elementos capazes de criar oportunidades para os cônjuges mudarem, desenvolverem e compreenderem melhor a religião que compartilham, a partir de crenças, práticas religiosas e envolvimento da comunidade benéficos para a relação conjugal.

Entre tantas reflexões de várias investigações sobre a influência religiosa na relação conjugal já existentes, esse texto teve a intenção de contribuir com as pesquisas na perspectiva dos próprios casais sobre os diversos e diferentes elementos que podem colaborar ou não na qualidade no relacionamento a dois. Corroborando com inúmeras pesquisas e provocando novas investigações, essa pesquisa teve o limite de os casais terem práticas religiosas atuantes, o que pode ter conduzido a reflexões por

um caminho específico. Por essa razão, cabem novas pesquisas com casais brasileiros de diferentes, frequentadores ativos ou não de alguma religião ou mesmo com aqueles que se declaram sem religião.

## Referências

- Ausloos, G. (2011). *A competência das famílias*. Rio de Janeiro: Booklink.
- Beach, S.R.H., Hurt T.R., Fincham, F.D., Franklin, K.J., McNair, L.M., Stanley, S.M. (2011). Enhancing marital enrichment through spirituality: Efficacy data for prayer focused relationship enhancement. *Psychology of Religion and Spirituality* 3, 201–216. [doi.org/10.1037/a0022207](https://doi.org/10.1037/a0022207)
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três*. São Paulo: Grupo Editorial Summus.
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2017). Transformações da Conjugalidade em Casamentos de Longa Duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69-89. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2910/291052547006>
- Cardoso, B., & Del Prette, Z. (2017). Habilidades Sociais Conjugais: Uma Revisão da Literatura Brasileira. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(2), 124-137. doi: [10.31505/rbtcc.v19i2.1036](https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i2.1036)
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ciscon-Evangelista, M. R., & Menandro, P. R. M. (2017). “Casados para Sempre”: Casamento e Família na Concepção de Casais Evangélicos Neopentecostais. *Psicologia Argumento*, 29 (66). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20343>
- Dollahite, D. C., Marks, L. D., & Dalton, H. (2018). Why religion helps and harms families: A conceptual model of a system of dualities at the nexus of faith and family life. *Journal of Family Theory & Review*, 10(1), 219-241. [doi:10.1111/jftr.12242](https://doi.org/10.1111/jftr.12242)
- Ellison, C. G., Burdette, A. M., & Bradford Wilcox, W. (2010). The Couple that Prays Together: Race and Ethnicity, Religion, and Relationship Quality Among Working-Age Adults. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 963-975.
- Edgell P. & Docka D. (2007). Beyond the Nuclear Family? Familism and Gender Ideology in Diverse Religious Communities. *Sociological Forum* 22(1). doi: 10.1111/j.1573-7861.2006.00003.x

- Felicio, E., & Roldão, F. D. (2017). Breves considerações sobre os impactos do divórcio nos diferentes estágios do ciclo de vida familiar. *Anais do EVINCI-UniBrasil*, 3(2), 987-1004.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e Dissolução da Conjugalidade: Padrões Relacionais. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 20(46), 269-278.
- Fincham, F.D., Lambert, N.M. & Beach S.R.H. (2010). Faith and unfaithfulness: Can praying for your partner reduce infidelity? *Journal of Personality and Social Psychology* 99: 649-659.
- Giddens, A. (2011) *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP.
- Hoffmann, E. F., & Costa, C. B. (2019). Associações entre Religiosidade-Espiritualidade e as Relações Conjugais: Estudo de Revisão Sistemática. *Contextos Clínicos*, 12(2), 533-559. doi:10.4013/ctc.2019.122.07
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research. *Psychological Bulletin*, 118(1), 3-34. doi: [10.1037/0033-2909.118.1.3](https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.3)
- Kelley, H. H., Marks, L. D., & Dollahite, D. C. (2020). Uniting and Dividing Influences of Religion in Marriage Among Highly Religious Couples. *Psychology of Religion and Spirituality*, 12(2), 167-177. doi: [10.1037/rel0000262](https://doi.org/10.1037/rel0000262)
- Killian, T., Peters, H. C., & Brottem, L. J. (2019). Religious and Spiritual Values Conflicts in Queer Partnerships: Implications for Couples and Family Counselors. *The Family Journal*, 27(3), 250-256. doi:[10.1177/1066480719853012](https://doi.org/10.1177/1066480719853012)
- Mahoney, A., & Cano, A. (2014). Introduction to the special section on religion and spirituality in family life: Pathways between relational spirituality, family relationships and personal well-being. *Journal of Family Psychology*, 28(6), 735. doi:[10.1037/fam0000030](https://doi.org/10.1037/fam0000030)
- Mahoney, A. (2010). Religion in Families, 1999-2009: A relational spirituality framework. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 805-827. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00732.x
- Marks, L. D., & Dollahite, D. C. (2016). *Religion and families: An introduction*. Taylor & Francis.
- Marks, L., Dollahite, D. C., & Dew, J. (2009). Enhancing cultural competence in financial counseling and planning: Understanding why families make religious contributions. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20(2).
- Minayo, M. C. de S. (2017). Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento* (J. A. Cunha, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1980).
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médica
- Minuchin, S., Nichols, M. P., & Lee, W. Y. (2009). *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Artmed Editora.
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. & Canavarro, M. (2014). Assessing Adult Attachment Across Different Contexts: Validation of the Portuguese Version of the Experiences in Close Relationships-Relationship Structures Questionnaire. *Journal of personality assessment*. 97. (1)9. doi: 10.1080/00223891.2014.950377.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- Paiva, G. J. (2018). Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa. *Numen*, 21(2).
- Pesce, L., & de Moura Abreu, C. B. (2019). Pesquisa Qualitativa: Considerações sobre as Bases Filosóficas e os Princípios Norteadores. *Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 19-29. doi: 10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p19-29
- Pignataro, M. B., Féres-Carneiro, T., & Mello, R. (2019). A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico. *Pensando famílias*, 23(1), 34-46.
- Pires, A. S. R. (2008). *Estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental* (Tese de Doutorado). Universidade de Lisboa. Portugal.
- Porreca, W. (2015). Desafios da Família Brasileira em Gerar e Transmitir Capital Social Familiar. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 29,169-193. doi:10.35699/1676-1669.2015.6476
- Porreca, W. (2019). Relação Conjugal: Desafios e Possibilidades do "Nós". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(SPE). doi:[10.1590/0102.3772e35nspe7](https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7)

- Porreca, W. (2020). Espiritualidade/religiosidade: possíveis companhias nos desafios pandêmico-COVID-19. *Caderno de Administração*, 28(Edição E), 141-146.
- Rauer, A., & Volling, B. (2015). The Role of Relational Spirituality in Happily-Married Couples' Observed Problem-Solving. *Psychology of Religion and Spirituality*, 7(3), 239. doi:10.1037/rel0000022
- Regnerus, M. D., & Burdette, A. (2006). Religious change and adolescent family dynamics. *The Sociological Quarterly*, 47(1), 175-194. doi:10.1111/j.1533-8525.2006.00042.x
- Relvas, A. (2006). O ciclo vital da família – *Perspectiva Sistémica* (4ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento Conjugal: A Função das Características Individuais, do Casal E Do Contexto. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 10(1). doi:10.24879/201600100010044
- Schulz, C., & Colossi, P. M. (2020). A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. *Pensando famílias*, 24(1), 45-64.
- Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2010). Casar e Ser Feliz: Mapeando a Mensuração da Satisfação Conjugal. *Psico*, 40(4). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4512/4928>
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2017). Casamentos de Longa Duração: Recursos Pessoais como Estratégias de Manutenção do Laço Conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323-335. doi:10.1590/1413-82712017220211
- Silva, L. D. R., & Scorsolini-Comin, F. (2019). A transição para a conjugalidade em noivas e noivos católicos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(3), 206-227.
- Streck, D. R. E. de A. (2016). Metodologias Participativas de Pesquisa e Educação Popular. Reflexões sobre critérios de qualidade. *Interface*, 20 (58), p.537-547. doi:10.1590/1807- 57622015.0443
- Stokes, C. E., & Regnerus, M. D. (2009). When faith divides family: Religious discord and adolescent reports of parent-child relations. *Social Science Research*, 38(1), 155-167. doi.org/10.1016/j.ssresearch.2008.05.002
- Tavakol, Z., Nasrabadi, A. N., Moghadam, Z. B., Salehiniya, H., & Rezaei, E. (2017). A Review of the Factors Associated with Marital Satisfaction. *Galen Medical Journal*, 6(3). DOI doi:10.22086/gmj.v6i3.641
- Tissot, D. W., & Falcke, D. (2017). A Conjugalidade nas Diferentes Etapas do Ciclo Vital Familiar. *Quaderns de psicologia*, 19(3), 0265-276. doi:10.5565/rev/qpsicologia.1399
- Villa, M. B. & Del Prette, Z. A. P. (2013). Satisfação Conjugal: O Papel das Habilidades Sociais de Maridos e Esposas. *Paidéia*, 23(56), pp.379-388. Doi:10.1590/1982-43272356201312.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). Avaliação dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade: o construto percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais. In S. M. Barroso, F. Scorsolini-Comin, & E. Nascimento (Orgs.), Avaliação psicológica: da teoria às aplicações (pp. 154-186). Petrópolis: Vozes.
- Williams, L. M., & Lawler, M. G. (2001). Religious heterogamy and religiosity: A comparison of interchurch and same-church individuals. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 40(3), 465-478. doi:10.1111/0021-8294.00070
- Wilcox, W. B., & Wolfinger, N. H. (2008). Living and loving “decent”: Religion and relationship quality among urban parents. *Social Science Research*, 37(3), 828-843. doi.org/10.1016/j.ssresearch.2007.11.001
- Young, E. J., Klosko, S. J., & Weishaar, E. M. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York & London: Guilford Press.

---

**Wladimir Porreca** – Universidade de Brasília. Email: [wp@unb.br](mailto:wp@unb.br)

---

Recebido em 12.08.2020

Primeira Decisão Editorial em 10.02.2021

Aceito em 30.07.2021